OS ANTIGOS HABITANTES DA PRAIA DE JERICOACOARA, CEARÁ: ARQUEOLOGIA, HISTÓRIA E AMBIENTE

Verônica Viana
Karlla Soares
Luci Danielli Souza

Resumen

En el curso medio del Amazonas brasileño se dio en la época colonial la fuga de esclavos africanos que encontraron refugio en las sociedades indígenas que ocupaban amplias zonas fuera del control colonial. Las nuevas sociedades que se crearon con el aporte de africanos, afroamericanos, indígenas, desertores y refractarios de la sociedad, incidieron estrechamente en la configuración de un nuevo espacio de frontera en el cual interactuaron en alianzas y enfrentamientos con los diferentes pueblos indígenas con los cuales convivieron hasta hace pocas décadas. La historia común de ellos nos sirve para poder comprender mejor la complejidad de las relaciones que se crearon al margen del mundo colonial y del Brasil independiente.

Abstract

During colonial times, mid-way into the Brazilian river Amazon, African slaves escaped and found refuge within the indigenous societies which occupied wide areas out of reach of colonial control. As a result new societies were created by Africans, Afroamericans, Indigenous Peoples, desertors and outcasts wich had a great importance in the creation of a new borderline space.
They interactuated in this space either by forming alliances or rivalries with the different indigenous peoples witch wich they shared such space, just until a few decades ago.
Their common history is useful for us today to better understand the complexity of the relationships which sprang up out of colonial rule as well as independent in Brazil.

Palavras–Chave

Escravos africanos, sociedades nativas, rio Amazonas.

Key-words

African slaves, indigenous societies, Afroamericans, river Amazon.

1. Considerações Iniciais

O propósito geral deste artigo é contribuir para a ruptura de um marco cronológico entre história e pré-história e assim poder alargar o tempo da história do Estado Ceará, incluindo novos atores parcialmente lembrados ou ausentes até hoje na historiografia cearense. Para tanto, partiremos de uma abordagem interdisciplinar que envolve diferentes áreas do saber: arqueologia, história e geociências.

As contribuições a que nos referimos são oriundas dos primeiros resultados das pesquisas arqueológicas[1] realizadas em sítios descobertos na Praia de Jericoacoara, localizada no município de Jijoca de Jericoacoara, litoral noroeste do Ceará, a 297 quilômetros da cidade de Fortaleza.

Jijoca tem como limites, ao norte, o Oceano Atlântico, ao sul, o município de Bela Cruz, a leste, o município de Cruz e, a oeste, o município de Camocim. O acesso a este município dá-se pelas rodovias federais BR's 222 e 354, chegando-se à Jericoacoara por dezoito quilômetros de estrada vicinal transitáveis apenas por meio de veículos tracionados.

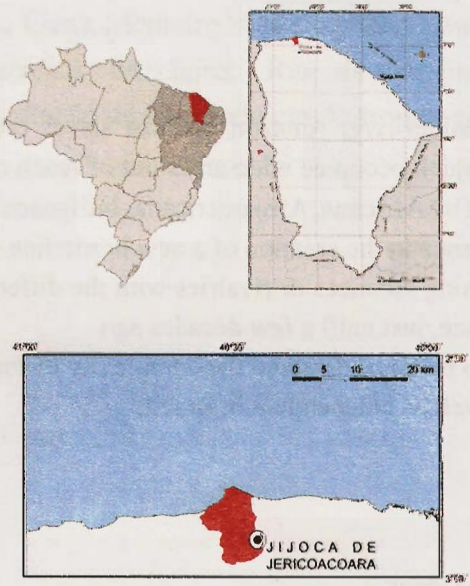


Figura 1 – Localização da área de pesquisa

[1] Os sítios foram identificados na Área de Intervenção Indireta (AII) da obra de construção do sistema de esgotamento sanitário da Praia de Jericoacoara, um empreendimento da Companhia de Água e Esgoto do Ceará (CAGECE), que em cumprimento à legislação do patrimônio arqueológico brasileiro, financiou as pesquisas na área. Dada à importância das descobertas, o IPHAN e o IBAMA, este último com sede administrativa em Jericoacoara para gerenciar a APA, planejam a assinatura de um acordo de cooperação técnica para dar continuidade às pesquisas na área.

Figurando entre os mais belos e expressivos cenários da costa cearense, com seus extensos campos de dunas móveis interceptados por espelhos d'água, Jericoacoara foi transformada em APA (Área de Preservação Ambiental) através do Decreto Federal n. 90.379, de 29/10/84. Parte desse espaço foi recategorizado pela portaria N° 159/02, de 23/12/2002, como Parque Nacional de Jericoacoara (PARNA). A criação do parque teve como objetivo a preservação do ecossistema costeiro e a viabilização de projetos educacionais e científicos.

Durante prospecções arqueológicas realizadas na área foram localizados dois sítios arqueológicos que podem ser caracterizados pela recorrência de um conjunto artefatual formado por abundantes fragmentos cerâmicos de paredes finas, em alguns casos com decoração incisa, artefatos líticos lascados e polidos, além de gastrópodas e bivalves, prováveis constituintes da dieta de grupos que habitaram a região. Associado a estes vestígios foi evidenciado um grande número de fogueiras em torno das quais aparecem fragmentos cerâmicos.

Na interface com outras disciplinas buscamos ampliar o quadro de informações sobre os sítios da Praia de Jericoacoara procurando contextualizá-los por meio de levantamentos de fontes escritas relativas à presença indígena na área.

O cruzamento de fontes como forma de melhor interpretarmos o nosso objeto de estudo e dar visibilidade a segmentos pouco visíveis tem sido evocado pelos historiadores desde as primeiras décadas do século XX numa reação à história tradicional que privilegiava o uso exclusivo de fontes escritas:

> O historiador não pode se resignar diante de lacunas na informação e deve procurar preenchê-las. Para isto, usará os documentos não só de arquivos, mas também um poema, um quadro, um drama, estatísticas, materiais arqueológicos. O historiador tem como tarefa vencer o esquecimento, preencher os silêncios, recuperar as palavras e as expressões vencidas pelo tempo.[2]

Da mesma forma, tendências arqueológicas atuais evocam o emprego de todas as fontes de dados possíveis (escritas, orais, lingüísticas, etnográficas), a fim de produzir uma imagem mais completa das culturas estudadas, como também para propor explicações alternativas que os dados arqueológicos por si só, não seriam capazes de resolver (Trigger, 2004).

---

[2] REIS, 2000, P.77.

Numa área que tem como característica singular uma intensa dinâmica ambiental, a interação com as geociências torna-se fundamental não só no que diz respeito à caracterização dos aspectos morfologicamente visíveis, através de quantificações e modelos diretamente importados dessa ciência, mas funciona como uma importante ferramenta para que possamos compreender as estratégias de sobrevivência humana numa área desnuda de abrigos e inapropriada para a habitação pelo menos em certas épocas do ano.

2. Ocupações Pré-históricas e Históricas na Costa Cearense

Por toda a extensão dos 573 quilômetros da costa cearense, incluindo a cidade de Fortaleza, são descobertos vestígios arqueológicos de antigas populações pré-históricas ou históricas que habitaram ou transitaram ao longo deste ecossistema. Oficialmente, estão catalogados no CNSA (Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos) do IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) sítios identificados nos municípios de Jijoca de Jericoacoara, Camocim, Itapipoca, Trairi, Paraipaba, Amontada, a oeste de Fortaleza, bem como em Aquiraz, Icapuí, Aracati, a leste de Fortaleza. Na cidade de Fortaleza, nas dunas da Praia de Sabiaguaba, também foram evidenciados dois sítios arqueológicos. Ao todo, são mais de trinta sítios identificados em áreas costeiras ou litorâneas.

Não se trata de sambaquis, de que se tem notícia no sul e sudeste, além de estados nordestinos como a Bahia e o Maranhão, nos quais os vestígios arqueológicos são cimentados devido ao acúmulo de conchas e formam verdadeiras montanhas que chegam a ultrapassar 25 metros de altura (Gaspar, 2000). De forma diferenciada, os sítios identificados na costa cearense estão assentes sobre terrenos geralmente não-consolidados ou em processo de consolidação e com vestígios não incrustados aos sedimentos. Todavia, se a situação deposicional apresenta diferenças, os materiais arqueológicos são os mesmos encontrados nos sambaquis: instrumental lítico, cerâmica, malacológicos, adornos, além de sepultamentos, sendo estes últimos raríssimos e muito fragmentados, em virtude das condições intempéricas a que a área está submetida. Junto a estas ocorrências pré-históricas freqüentemente identificam-se materiais de períodos recentes como as faianças finas inglesas do século XIX.

Os sítios localizados são de natureza e cronologia diversas, atestando uma ocupação de longa duração na costa cearense que também pode ser caracterizada pela heterogeneidade de grupos. Em algumas ocasiões, ocupações de períodos diversos compartilham o mesmo

estrato, formando um mosaico de difícil interpretação. Por outro lado, a exemplo de Jericoacoara, verifica-se a recorrência de um conjunto artefatual único que pode estar associado a ocupações passageiras ou permanências prolongadas de um grupo.

Baseado na recorrência de conjuntos artefatuais e em analogias com ocupações identificadas em outros sítios do Nordeste brasileiro, segregamos os sítios evidenciados em quatro grupos. O primeiro grupo de sítios, identificado com freqüência nos municípios de Paraipaba e Trairi, a oeste de Fortaleza, pode estar associado aos primeiros habitantes do litoral cearense, na primeira metade do Holoceno. Os sítios são do tipo oficinas líticas de lascamento nas quais aparecem instrumentos de tecnologia acurada como lâminas, pontas, furadores, raspadores unifaciais e os raspadores duplos-convergentes (lesmas). Associada a estas ocorrências foi identificada uma grande quantidade de materiais malacológicos, gastrópodas e bivalves, relacionada a vestígios alimentares, material de adorno, além de instrumentos. Pelo menos até o presente momento estes sítios têm como singularidade, além da tecnologia especializada de fabricação lítica, a ausência de vestígios cerâmicos.

O segundo conjunto é representado pela abundância de cerâmicas de paredes finas, vinculadas a pequenas vasilhas. Associados a estes vestígios aparecem raros materiais líticos lascados, com predominância de instrumentos como raspadores unifaciais e pequenos furadores. Nesses locais são evidenciadas estruturas de fogueira e abundantes materiais malacológicos. Sítios dessa natureza foram identificados nos municípios costeiros de Icapuí, Aracati, Beberibe, Aquiraz, Fortaleza (Praia de Sabiaguaba), Trairi, Paraipaba, Itapipoca, Camocim, bem como em Jijoca de Jericoacoara (Praia de Jericoacoara). Sítios apresentando um conjunto artefatual similar foram evidenciados no Rio Grande do Norte e vinculados a acampamentos pré-tupi (Martin, 1997; Laroche e Silva, 1982; Nascimento e Luna, 1997). A cerâmica encontrada nestes sítios foi associada a uma fase cultural designada *papeba*, sobre a qual inexistem estudos sistemáticos.

O terceiro grupo de sítios é representado por assentamentos tupi onde ocorrem seus clássicos vestígios como cerâmicas de paredes grossas com pinturas em vermelho, branco e marrom, além de exemplares de tortuais de fusos, com ocorrências evidenciadas nos municípios de Paraipaba, Aracati e Trairi.

Em Trairi, à margem direita do rio do mesmo nome, em terrenos onde as dunas escalam ou se estabilizam na atualidade, foram identificados vestígios que podem estar associados

à aldeia do chefe potiguar Cobra Azul onde o Pe. Luiz Figueira teria permanecido por cerca de seis meses, no ano de 1608, logo após a morte de seu companheiro jesuíta, o padre Francisco Pinto, na serra da Ibiapaba. [3]

A aldeia, pela quantidade e ampla dispersão de vestígios revelados durante seguidas aberturas de roçados, parece ter sido bastante extensa. Durante atividades de coletas de superfície [4] grandes cacos de paredes grossas apresentando pinturas em vermelho, preto e marrom, componentes de vasilhas utilitárias, foram resgatados e encaminhados para o laboratório de arqueologia da Universidade Estadual do Ceará (UECE).

Por fim, o quarto grupo de sítios está associado ao período histórico, precisamente ao século XIX, com vestígios associados a antigas habitações, pequenos entrepostos comerciais, portos ou fortes existentes por toda a costa cearense. Os sítios desse período são caracterizados pela presença, dentre outros componentes da tralha doméstica, de faianças finas inglesas e garrafas de grès, produtos de importação com entrada facilitada no Brasil a partir de 1808, logo após a Abertura dos Portos.

3. Os Sítios Descobertos na Praia de Jericoacoara

Na praia de Jericoacoara foram evidenciados até o momento dois sítios arqueológicos designados **Malhada** e **Serrote** que podem ser caracterizados pela recorrência de um conjunto artefatual único caracterizado particularmente pela abundância de fragmentos cerâmicos de paredes finas, materiais líticos lascados e polidos, malacológicos e estruturas de fogueiras, estando portando associados ao grupo 2. Até o momento não foram evidenciadas em Jericoacoara ocupações de grupos Tupi, instalações históricas do século XIX ou oficinas líticas do grupo 1, o que pode implicar na ocupação exclusiva de um grupo, seja permanente ou sazonal.

Os sítios Serrote e Malhada estão separados por uma barreira natural, o serrote de Jericoacoara, de formação cristalina pré-cambriana. O sítio do Serrote, a barlavento do serrote de Jericoacoara, possui uma maior extensão e é formado por três concentrações vestigiais; já o Malhada, localizado a sotavento desta mesma barreira, é na atualidade um sítio

---

[3] FIGUEIRA, 1967 [1608].

[4] Infelizmente as coletas realizadas não obedeceram a critérios metodológicos vigentes como posicionamento topográfico do material, perdendo-se neste caso informações sobre a distribuição espacial neste sítio.

de menor extensão, uma vez que pode ter sido impactado por construções atuais como o cemitério histórico, a sede administrativa do IBAMA, casas de praia e pousadas.

Os vestígios identificados nos dois sítios são cerâmicas de paredes finas e de coloração escura, verificando-se a presença de furos que demonstram terem sido estas vasilhas transportadas por cordas, o que poderia facilitar os deslocamentos freqüentes de um grupo ainda não totalmente sedentário. De forma singular, aparecem peças com decoração incisa associadas a vasilhas rasas. No sítio do Serrote, exemplares com paredes carenadas e bordas com decoração ungular foram evidenciados.

Fotos 1, 2 e 3 – Cerâmica evidenciada no sítio do Serrote (Concentração 3). Observa-se fragmento com furo (à esquerda), com decoração ungulada e carenada (centro), bem como fragmentos constituintes de uma única peça (à direita).

De forma geral, os vestígios de vasilhas cerâmicas evidenciados no sítio Malhada são encontrados de forma bastante fragmentada, porém em raras ocasiões conseguimos evidenciar exemplares ainda bem preservados a partir dos quais é possível percebermos a forma das antigas vasilhas. Já no sítio do Serrote identificamos um número maior de grandes fragmentos a partir dos quais será possível reconstituir uma variedade maior de peças.

Fotos 4 e 5 – Sítio Malhada - Cerâmica com decoração incisa

Em ambos os sítios o material lítico aparece em quantidade inferior ao cerâmico, sendo evidenciados produtos do lascamento na forma de lascas, microlascas, fragmentos, estilhas e raros núcleos. Os instrumentos são representados particularmente por pequenos raspadores e furadores utilizados provavelmente no processamento de peixes e moluscos. Os instrumentos foram elaborados de forma geral sobre matérias-primas frágeis para o lascamento, como o quartzo cinza e o quartzito, verificando-se também em raras ocasiões o trabalho humano sobre rochas mais resistentes ao lascamento como o sílex e a calcedônia. A matéria-prima utilizada pode ser de origem endógena e obtida em locais de afloramentos rochosos verificados no entorno imediato do sítio. No sítio do Serrote, além dos instrumentos lascados, foram também identificados alguns materiais líticos polidos.

Associados a este conjunto artefatual são evidenciados materiais malacológicos (gastrópodas, bivalves e ostras) que podem ser componentes da dieta desses grupos, porém estudos complementares serão necessários para confirmar essa hipótese, uma vez que estes sítios de superfície podem abrigar materiais como estes ainda consumidos na atualidade.

Nos dois sítios são evidenciadas quantidades significativas de fogueiras de grandes e pequenas dimensões com estruturas bem preservadas, embora algumas já tenham sido parcialmente desagregadas. Ao redor dessas estruturas são identificados fragmentos de vasilhas cerâmicas e significativa quantidade de material malacológico.

As estruturas de fogueiras evidenciadas em superfície, no sítio Malhada, impuseram, a princípio, dúvidas acerca da sua vinculação ao conjunto artefatual representativo do sítio, todavia dois fatores sugerem que as fogueiras evidenciadas façam parte do mesmo contexto:

a) são recorrentes em áreas onde temos evidenciado materiais líticos e cerâmicos, confirmadamente produzidos pelo homem em tempos pretéritos e já identificados em outras áreas do litoral cearense e nordestino;
b) as abundantes estruturas de fogueiras do sítio Serrote, hoje de certa forma já dispersas em depressões interdunares, mas em terrenos anteriormente cobertos por dunas, apresentam um pacote sedimentar arenoso homogêneo que descarta a existência de uma lente litológica no entremeio deste pacote, corroborando para que todo o material rochoso existente na área tenha sido transportado por

ação humana. No mais, estão presentes blocos de litologias diversas, inclusive exemplares não encontrados na região.[5]

Conforme referido neste trabalho, ocupações análogas às evidenciadas em Jericoacoara foram filiadas a uma fase designada *papeba*, a partir de estudos de sítios localizados no litoral do Rio Grande do Norte, nos quais a cerâmica apresenta as seguintes características: *tempero de areia grossa e fina, o acordelado é a manufatura mais freqüente, queima por oxidação incompleta, superfícies alisadas, presença de banho vermelho e fragmentos com perfurações circulares.*[6]

Com relação às ocupações *papeba* do Rio Grande Norte, Martin (1997) sugere que as cerâmicas evidenciadas podem ser da autoria de um grupo étnico expulso por ocupantes portadores de uma tecnologia tupiguarani, tendo em vista que as ocupações tupi sobrepõem-se às anteriores. Contudo, acrescentamos a esta informação que os sítios descobertos em Jericoacoara podem ser testemunhos também de ocupações tapuias não suplantadas por grupos indígenas Tupi ou portugueses.

Em trabalho recente, Borges (2006) tem considerado da autoria de grupos Tremembé os vestígios arqueológicos de ocupações prolongadas em ambientes interdunares do litoral do Piauí, também análogos aos evidenciados em Jericoacoara. Para o sítio Seu Bode, localizado no município de Luiz Correia, obteve datações entre 2700 e 410 anos BP.

Dos métodos e técnicas

A natureza deposicional e pós-deposional no **sítio do Serrote** como na maioria dos sítios que são encontrados em ambientes de intensa dinâmica na costa cearense, implica na não transposição direta de técnicas e métodos arqueológicos utilizados nas intervenções de sítios assentes sobre terrenos consolidados. Escavações com controle sistemático da estratigrafia têm se mostrado inviáveis em sítios dessa natureza, implicando na necessidade de adaptação ou criação de meios técnicos para dar início às intervenções em profundidade nestas áreas. Ainda que as camadas superficiais de solo estejam consolidadas por vegetação, as camadas subjacentes encontram-se desestabilizadas.

---

[5] Esse fator foi constatado em campo a partir das discussões com o geólogo prof. Dr. Jeovah Meireles, da Universidade Federal do Ceará (UFC) que tem colaborado com este trabalho.

[6] NASCIMENTO; LUNA, 1997, p.18.

Na base dos corredores eólicos onde estão situados os materiais arqueológicos seria possível, caso fossem necessárias, a realização de sondagens ou mesmo escavações, seguindo todos os procedimentos clássicos; mas nesse caso, sabemos que as ocupações encontram-se em superfície e intervenções em profundidade logo alcançarão o lençol freático. A grande dificuldade, porém, é a de realizar escavações nas paredes desses corredores onde o processo de desestabilização é intenso.

No que diz respeito aos **levantamentos preliminares de campo**, que antecedem as escavações, incluindo se necessário algumas sondagens e tradagens para avaliar a estratigrafia, estes são utilizados para ampliar o número de informações sobre os sítios e podem representar uma importante ferramenta tecno-metodológica para sítios tão singulares no que diz respeito às formas de deposição evidenciadas.

Desta forma, o nosso trabalho tem sido influenciado pelo *fieldwork* de Brown (1987) que sugere estudos preliminares mais amplos no entorno dos sítios antes que ocorram as escavações com intuito de ampliar o quadro de informações acerca das ocupações. Nestes estudos torna-se imperativa a contribuição das geociências (geologia, geomorfologia e sedimentologia) para a contextualização global e localizada da dinâmica ambiental.

Neste caso, estamos priorizando levantamentos de cartografia temática, estudos sedimentológicos, caracterização dos geolementos responsáveis pela dinâmica costeira local, documentação imagética do sítio com suas evidências, elementos da paisagem e situações deposicionais evidenciadas. No sítio do Serrote ainda não foram realizadas coletas de superfície e sondagens, devendo estas serem executadas após a conclusão de uma primeira etapa de levantamentos preliminares.

No **sítio Malhada**, onde os solos estão em avançado processo de consolidação, foram realizados procedimentos clássicos como sondagens, coletas de superfície na área a ser escavada e em toda a dimensão do sítio, documentação fotográfica aérea e em solo dos geolementos do entorno e dos procedimentos metodológicos, além de levantamentos topográficos. Junto às fogueiras foram coletados sedimentos calcinados para datação por termoluminescência.

Uma primeira campanha no Malhada teve como intuito sondar e dar início à escavação de um primeiro setor, escavando-se 40m² e atingindo-se cerca de 20 centímetros de pro-

fundidade, limite da camada de ocupação. A malha de escavação foi jogada numa área com maior concentração de material em superfície e com presença de duas estruturas de fogueira. O propósito de iniciar as intervenções evidenciando as fogueiras foi o de confirmar se estas estruturas são contemporâneas aos vestígios arqueológicos, conforme referido anteriormente. No sítio Malhada foram evidenciadas pelo menos 14 estruturas de fogueiras com blocos dispostos atualmente em superfície e material calcinado aparecendo em média até os 10 primeiros centímetros.

4. Arqueologia e Geomorfologia

Abordagens ambientais com a finalidade de evidenciar as interações homem e meio têm se tornado uma preocupação crescente das ciências humanas nas últimas décadas. Passado o receio para como o determinismo geográfico, que deixou a temática por muito adormecida, a aproximação com a geografia tem alargado cada vez mais as fronteiras de disciplinas como a história e a arqueologia. Nesse sentido, a criação de modelos para história da ocupação dos solos com o intuito de compreender as relações espaciais, abre uma etapa de colaborações interdisciplinares que se tem revelado muito fértil.

O presente trabalho é influenciado pelas atuais reflexões da Arqueologia da Paisagem, segundo as quais a caracterização ambiental baseada na observação de morfologias visíveis é apenas um elemento a ser considerado dentro de um quadro geral integrado por diversos conteúdos culturais (Valle, 1995).

De qualquer forma, a caracterização das morfologias visíveis na paisagem, dado o caráter preliminar do presente trabalho, constitui-se uma importante ferramenta metodológica que subsidiará o aprofundamento de estudos futuros acerca da relação homem e meio no espaço relacionado à atual Jericoacoara.

4.1 Formas de deposição e entorno dos sítios de Jericoacoara

Os sítios arqueológicos identificados na praia de Jericoacoara estão geralmente localizados nas proximidades de ambientes privilegiados que tanto singularizam a costa cearense – lagoas de água doce, lagunas, manguezais, desembocaduras fluviais e cordões de *bea-*

chrocks.[7] Estes ambientes comportavam recursos ideais à sobrevivência dos grupos pré-históricos que habitaram esse ecossistema costeiro, tanto os que dizem respeito à alimentação (moluscos, peixes, crustáceos) quanto à fabricação de artefatos (afloramentos litológicos, carapaças de gastrópodas do tipo búzios, argila).

O **sítio do Serrote** está localizado na superfície superior da região de pós-praia com vestígios assentes em áreas de planície de deflação, fontes de sedimentos para a formação de dunas, sujeitas a intensas modificações em sua morfologia devido à intensa ação erosiva a que está submetida. Nestas planícies os vestígios arqueológicos estão sendo descobertos por erosão eólica e atualmente são evidenciadas em corredores eólicos (*blowouts*) profundos em avançado processo de formação (Concentração 1 – Sítio do Serrote) ou em corredores superficiais em processo inicial de formação (Concentrações 2 e 3).

a concentração 1 os vestígios aparecem tanto na base dos *blowouts* quanto num estrato a 60-70 centímetros acima desta. Este segundo estrato, de coloração preta a cinza-escuro, corresponde à camada de ocupação, conforme é possível observarmos num perfil formado por ação natural.

Foto 6 – Sítio do Serrote – Concentração Vestigial 1 – Vestígios revolvidos na base de um corredor eólico. A seta aponta para um estrato consolidado associado à camada de ocupação.

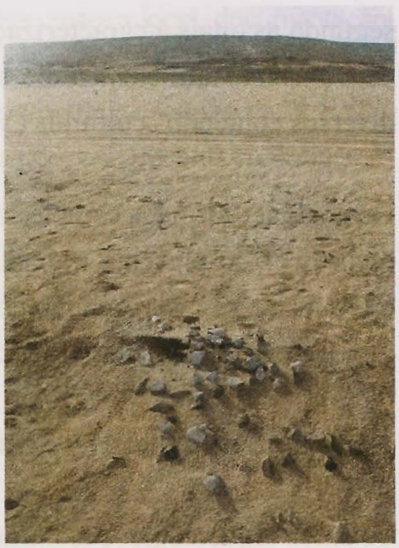


Foto 7 – Sítio do Serrote – Estrutura de fogueira preservada num *blowout* em processo inicial de formação. Ao fundo, avista-se o Serrote de Jericoacoara, de formação cristalina pré-cambriana, barreira natural entre os sítios do Serrote e Malhada

[7] Os beachrocks, ou "rochas de praia", são rochas cimentadas por carbonato de cálcio ricas em fragmentos de conchas, geralmente preenchendo fraturas na rocha do embasamento (MEIRELES; RAVENTOS, 2002).

As ocorrências que aparecem na base dos *blowouts* já sofreram alterações pós-deposicionais verticais, uma vez que a desmobilização de sedimentos arenosos carreados pelos ventos deslocou os materiais arqueológicos para a base do corredor. No que diz respeito às alterações horizontais, estas podem também ser evidenciadas em virtude do rolamento de vestígios nas barreiras relacionadas às paredes dos corredores.

Vale salientar que a erosão nestes corredores só cessa quando atinge o nível de base próximo ao lençol freático, pois a umidade impede a retirada dos grãos de areia pelo vento por causa da tensão superficial (Maia, 2005). Isso é importante no que diz respeito à conservação do sítio, uma vez que a tendência dos *blowouts* é a de virar lagoas temporárias ou perenes (Claudino-Sales, 2002) e os vestígios arqueológicos ficarem submersos, conforme já tivemos oportunidade de evidenciar em sítios interdunares da praia de Sabiaguaba, litoral de Fortaleza (Martin *et al*, 2003).

As concentrações 2 e 3, em virtude da localização dos vestígios em *blowouts* em estágio inicial de formação, encontram-se melhor preservadas, sendo possível a identificação de fogueiras com estrutura bastante conservada.

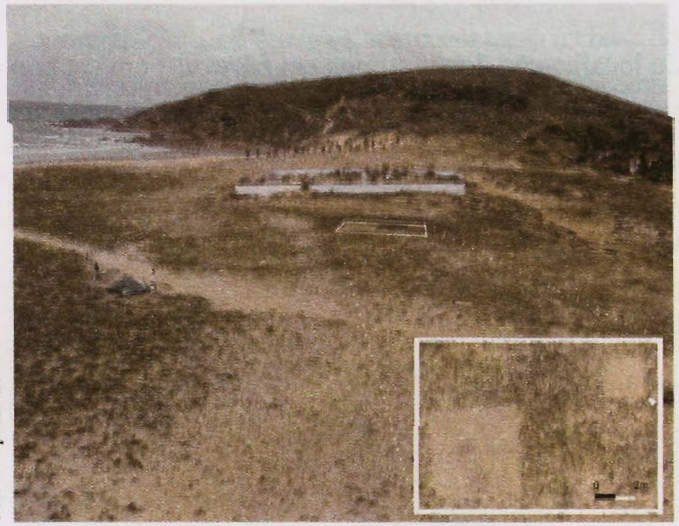
Estudos complementares nos sítios deverão avaliar também as alterações pós-deposicionais horizontais associadas às intervenções antrópicas atuais, como trânsito de pedestres e animais. Vale ressaltar que o IBAMA está redefinindo as trilhas de acesso à praia com vistas à proteção das áreas nas quais foram localizados sítios.

Ao redor dos corredores nos quais estão assentes as concentrações vestigiais encontramos dunas parabólicas semi-fixas, em processo de estabilização por edafização, que podem ter sido formadas a partir de areias oriundas destes *blowouts*. Nesse mesmo ambiente são comuns os *rebdus,* vestígios de dunas fixas ou semi-fixas destruídas pela ação erosiva dos ventos. As areias saídas destas áreas alimentam extensos campos de dunas barcanas em processo de migração rumo ao interior da costa cobrindo ou escalando dunas fixas e paleofalésias em áreas relacionadas à planície ou tabuleiro litorâneos.

Como parte do entorno deste sítio, a cerca de 100 metros das concentrações vestigiais, evidenciamos um conjunto de vários espelhos d'água temporários localizados em depressões interdunares de um extenso cordão de dunas barcanas em processo de migração rumo aos tabuleiros litorâneos.

O **sítio Malhada** está assente sobre um terreno elevado relacionado a um terraço marinho, localizado a apenas 50 metros da pancada do mar. Em virtude desta proximidade uma pequena quantidade de vestígios arqueológicos, localizada na área periférica do sítio, é atingida na linha de praia durante períodos de maré cheia. Diferentemente do que ocorre no Serrote, a situação deposicional tende à estabilização em virtude de vários fatores, dentre eles o de estar a sotavento do Serrote de Jericoacoara.

Os vestígios estão assentes sobre terrenos ligeiramente planos de dunas vegetadas e em avançado processo de consolidação. Sondagens realizadas no sítio, que chegaram a 50cm de profundidade, indicaram que o ambiente propiciou a formação de solo. O estrato mais superficial, de composição areno-argilosa de coloração cinza, evidenciada nos primeiros vinte centímetros, equivale à camada de ocupação.



Fotos: Stéphane Blanco

Figura 2 – Sítio Malhada. Vista aérea com projeção das áreas de escavação (à esquerda), onde estão situadas 2 estruturas de fogueira, e sondagem (à direita). Ao fundo, avista-se o Serrote de Jericoacoara, de formação cristalina pré-cambriana.

Numa barreira erodida voltada para o oceano é possível a identificação da estratigrafia do terraço sobre qual está assente o sítio, formada por três camadas diferenciadas: uma primeira camada superficial de sedimentos areno-argilosos, uma segunda com litologia de quartzitos e gnaisses que atualmente rolam no declive e encontram uma terceira camada representada por *beachrocks*. Se descobertas pelas águas à época da ocupação, as rochas quartzíticas e gnáissicas presentes na segunda camada estratigráfica podem ter sido utilizadas pelo artesão pré-histórico de Jericoacoara para o lascamento ou polimento, uma vez que foram evidenciados materiais líticos da mesma natureza litológica.

Da mesma forma, no que diz respeito aos *beachrocks* muito comuns nas proximidades do sítio Malhada, se descobertos à época da ocupação, configuraram-se como um importante recurso alimentar para os grupos que ocuparam a área, uma vez que permitem a agregação de uma grande variedade de mariscos.

4.2 Caracterização geomorfológica da praia de Jericoacoara

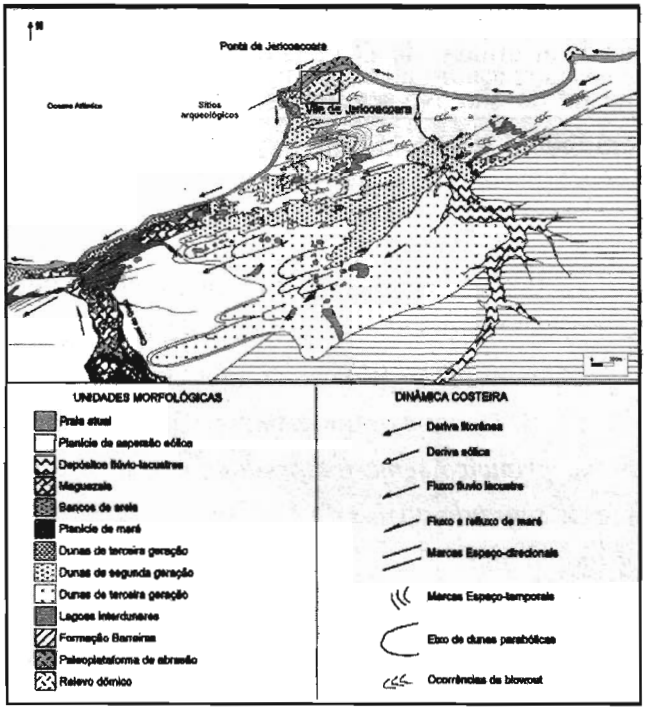


Figura 3 – Geomorfologia da Planície de Jericoacoara com identificação de geoelementos e sítios arqueológicos (adaptado de MEIRELES e RAVENTOS, 2002).

A planície de Jericoacoara[8] está situada entre as desembocaduras do rio Guriú, na divisa com o município de Camocim, e do riacho Doce, nas proximidades do município de Cruz. O estuário do Guriú[9] propiciou a formação de um dos mais extensos manguezais do estado que se prolonga por mais de cinco quilômetros em direção ao continente abrigando diversas espécies florísticas como a *Rhizophora mangle* L. (mangue-vermelho), *Laguncu-*

[8] A planície de Jericoacoara está situada na macrocompartimentação costa semi-árida norte, localizada entre a Ponta dos Mangues Secos, no Maranhão, até a foz do rio Acaraú, no Ceará, que tem como característica singular o abundante estoque de areias que transborda sobre o litoral, sobretudo por ação dos ventos alísios que predominam nesta área (MUEHE, 2003).

[9] Os recursos hídricos de caráter intermitentes como o Guriú não funcionam como bons fornecedores de sedimentos para a alimentação de faixas de praia. Por outro lado, este aspecto determina a ampliação de estuários, nos quais se pode instalar ricos manguezais, conforme tem salientado CLAUDINO-SALES, 2005, P.240.

laria racemosa (L.) Gaertn. (mangue-manso, branco ou rajadinho), *Avicennia germinans* (L.) Stearn (canoé, mangue-preto ou síriba) identificadas por Matias e Nunes (2001). No mais, encontram-se as suas típicas espécies faunísticas de caranguejos, siris e camarões, acessíveis através da utilização de alguns sistemas ainda rudimentares de cultivo como ocorre na comunidade de Mangue-Seco, às margens do Guriú.

Jericoacoara tem médias pluviométricas em torno de 1350 mm (IPLANCE, 1997) bastante superiores às médias das depressões sertanejas e equivalentes às médias das serras úmidas. As chuvas, por força das massas de ar úmidas da ZCIT (Zona de Convergência Intertropical), ocorrem no primeiro semestre do ano. No segundo semestre a área compartilha a semi-aridez que predomina em todo o território cearense devido ao deslocamento da ZCIT para o hemisfério Norte.

Com relação ao regime de ventos, um dos elementos mais importantes da dinâmica costeira, grande controlador da morfologia e migração das dunas, a área é de forma geral controlada por ventos alísios. Segundo Claudino-Sales (2005) existe uma orientação largamente orientada para leste a partir da junção de três alísios que atuam na área em intensidades e períodos anuais diferenciados: *no primeiro semestre predominam alísios do quadrante* NE, *que se deslocam a 4 m/s, e no segundo alísios do Sudeste com uma velocidade de 7 m/s, além de alísios de E por todo o ano.*[10]

Jericoacoara é considerada o maior campo de dunas do Ceará comportando morfologias e gerações diversas. Elas podem ser evidenciadas na linha de praia, na planície litorânea e em áreas mais interioranas da costa. Em áreas mais afastadas, onde dunas móveis escalam ou sobrepõem-se a dunas fixas, chegam a alcançar até 10 quilômetros costa adentro.

De forma geral, são evidenciadas em Jericoacoara dunas móveis do tipo barcanas ou barcanóides, além de fixas e semi-fixas como as parabólicas e as longitudinais. Um dos fatores decisivos na formação de um grande estoque de areia para a alimentação de dunas em Jericoacoara está associado à presença da Ponta de Jericoacoara, o mais proeminente promontório local que intercepta as areias vindas de leste e proporciona a formação de *bypass*, uma espécie de banco de areia que é responsável pela alimentação das dunas locais.

---

[10] CLAUDINO-SALES, 2005, P.239.

Meireles e Raventos (2002) têm estudado o processo de formação e desenvolvimento das dunas de Jericoacoara em associação aos últimos transgressivos e regressivos marinhos holocênicos. A partir do monitoramento de marcos espaço-temporais e espaço-direcionais deixados pelas migrações de dunas barcanas têm assinalado a existência de três gerações de dunas locais: uma localizada próximo à linha de praia, uma outra em processo de migração rumo ao continente e a terceira já estabilizada em áreas da planície ou tabuleiros litorâneos.

Com o intuito de uma melhor sistematização dos dados, as informações sobre estas três gerações de dunas foram agrupadas na tabela 1, onde procuramos assinalar as informações mais relevantes para a compreensão da situação deposicional evidenciada nos sítios em questão.

CRITÉRIO	1ª GERAÇÃO	2ª GERAÇÃO	3ª GERAÇÃO
Tipo	Parabólicas, transversais e longitudinais fixas, transversais e paralelas à direção predominante dos ventos.	Barcanas e transversais (móveis e semi-fixas). São transversais e paralelas à direção predominante dos ventos. Presença de blowouts e marcas espaço-temporais e espaço-direcionais, que evidenciaram a dinâmica da migração.	Barcanas isoladas e paralelas (móveis). São transversais a direção predominante dos ventos.
Localização	Afastadas da área fonte, posterior às dunas de 2ª geração, continente adentro.	Entre as dunas de 1ª e 3ª geração escalando ou cobrindo as escarpas de falésias mortas.	Na zona de berma atual, logo depois da linha de praia, recobrindo falésias vivas. Em maré alta são alcançadas pelas ondas e carreadas para o mar.
Dinâmica Quaternária	Mudanças climáticas e fontes desedimentos relacionadas a certas flutuações relativas do nível do mar numa fase mais úmida associada a uma fase de Transgressão (entre 7000 e 5100 BP).	Associadas a vários pulsos de sedimentos eólicos, ocasionando sub-gerações, com volume relacionado a uma larga zona intermaré, provocada por uma fase Regressiva. A faixa de praia atual não proporciona o aporte de sedimentos envolvidos na formação deste campo de dunas. Pequenas oscilações de alta freqüência exumaram faixas de praia submersas na plataforma continental.	Dunas em estágio atual de formação, principalmente de áreas a barlamar de promontórios.
Considerações Arqueológicas	Na área onde predominam dunas desta geração, ou seja, nos tabuleiros litorâneos, não foram evidenciados sítios pelo menos até o presente momento.	O sítio do Serrote está localizado em blowouts As dunas barcanas aparecem em processo de migração no entorno. A dinâmica ambiental gera perturbação pós-deposicional no sítio.	O Malhada está localizado em áreas propícias à formação deste tipo de dunas, embora o terreno do sítio esteja em adiantado processo de estabilização.

Tabela 1 – Critérios para a classificação das gerações de dunas (adaptado de MEIRELES e RAVENTOS, 2002).

Embora sejam identificadas na Praia de Jericoacoara três gerações de dunas que se formaram durante todo o período holocênico, estudos realizados por Claudino-Sales (2005) ao

longo do litoral cearense apontam para o predomínio na área de dunas designadas subatuais, formadas entre 400 e 1200 anos BP e representadas particularmente por barcanas que, na atualidade, atingem distâncias superiores a 10 quilômetros costa adentro.

As pesquisas realizadas em Jericoacoara acerca das diferentes gerações de dunas representam uma importante contribuição para os estudos arqueológicos, particularmente no que diz respeito à relação de cada uma destas gerações com os eventos trangressivos e regressivos responsáveis pela existência de períodos que permitem a estabilização ou migração das dunas.

Meireles e Raventos (2002) têm identificado em Jericoacoara geolementos que testemunham um período transgressivo entre 7.000-5.000 anos BP que garantiu a estabilização das dunas de 1ª geração num período mais úmido, conforme apresentado no quadro acima.

No que diz respeito à 2ª geração, afirmam também que diferentes pulsos de sedimentos eólicos foram responsáveis pela formação de subgerações de dunas móveis que podem estar relacionadas a um período que de forma geral pode ser caracterizado como regressivo e de semi-aridez.

Com o aprofundamento das pesquisas arqueológicas na área os dados referentes às condições climáticas geradas pelos períodos transregressivos deverão ser correlacionados com os resultados de datações por Termoluminescência e Carbono 14 para que possamos ampliar o quadro de informações acerca das condições ambientais à época das ocupações.

5. Arqueologia e História: povos indígenas na Jericoacoara do século XVII.

A pesquisa histórica realizada como parte dos Estudos Integrados do Patrimônio Cultural em Jericoacoara, a partir de uma perspectiva etno-histórica tributária de formas de entendimento das relações entre os homens baseada na *revelação do desenvolvimento histórico dos diversos grupos étnicos a partir de suas particularidades e universos próprios*,[11] teve como propósito promover um estudo através da cooperação interdisciplinar nas áreas de arqueologia e história. A identificação dos sítios arqueológicos Malhada e Serrote em Jericoacoara (Viana, 2007) foi o dado que primordialmente guiou a pesquisa histórica. O cruzamento de fontes ar-

[11] FERREIRA NETO, 1997, p. 322.

queológicas e históricas, que coexistem para um determinado lapso temporal, tem grande importância à discussão de questões relativas ao modo de vida, relações com o ambiente e formas de assentamento, dos grupos indígenas que viveram naquele local.

Fontes diversas apontam para a presença Tapuia, por vezes especificada como Tremembé,[12] em Jericoacoara, bem como em todo o trecho de Camocim, no Ceará, ao Maranhão pelo menos durante a primeira metade do século XVII. De acordo com o que se sabe acerca das ocupações indígenas do litoral cearense às primeiras décadas do século XVII, o referido interjacente costeiro representa uma exceção tapuia na linha litorânea essencialmente tupi (Abreu, 1960 [1899]; Pompeu Sobrinho, 1937; Studart Filho, 1962).

Yves d'Évreux, capuchinho francês que esteve entre os Tupinambá da ilha do Maranhão entre os anos de 1613 e 1614, afirma que *a nação dos Tremembés, moradora além* [escrevia do Maranhão] *da montanha de Camuci,*[13] servia-se daquele lugar *de areias brancas, e de árvores secas para agarrar os Tupinambá, como ratoeira para pilhar ratos.*[14] Baseado no que ouvira de principais [15] de aldeias da Ilha do Maranhão, narra ainda as disputas entre Tupinambá e Tremembé travadas nas proximidades de Camocim e Jericoacoara, onde

> Muitos Tupinambás da Ilha tendo ido aí com o fim especial de pescar, foram acometidos pelos Tremembés, sendo uns mortos imediatamente, outros cativos, sem saber-se o que deles fizeram, e finalmente alguns embarcados numas canoas puderam salvar-se regressando à Ilha do Maranhão, onde contaram tão tristes casos, causando nas aldeias, a que pertenciam os mortos, tanta indignação, que todos, voz em grita e chorando, especialmente as mães e as mulheres, insistiram pela vingança, ao que aquiesceram os principais, vindo pedir aos franceses um chefe e alguns soldados, no que foram satisfeitos.[16]

[12] Sobre situações históricas atuais de grupos Tremembé, reveladoras de formas específicas de mobilização étnica, vide VALLE (2005).

[13] ÉVREUX, 2002 [1615/1864], p. 177. . (Segundo Sebastião Moreira Duarte, em prefácio à 4a edição de "Viagem ao Norte do Brasil:...", publicação de 2002, "a obra de Yves d'Evreux, impressa em 1615, com o título de Suitte de l'histoire des choses plus memorables advenües em Maragnan és annes 1613 &1614, foi destruída, ainda na tipografia, por motivos de ordem política, restando apenas dois exemplares, mutilados, de que Ferdinand Denis se serviu para promover, com o título levemente alterado, a edição e 1864, que tem valor de primeira").

[14] Ibidem, p.179.

[15] Também designados "líderes" ou "maiorais" de aldeias.

[16] Ibidem, p.179.

Os relatos de Yves d'Évreux, assim como *todo o enorme acervo de informações, reunido no decorrer de duas centúrias e que (...) se quedava inaproveitado* foram considerados, por Carlos Studart Filho, relevantes para estudos sobre grupos Tapuia. O estudioso lamentava a improdutividade da *documentação deixada sôbre os* ***Tarairijus*** *e* ***Cariris,*** *do extremo nordeste brasileiro, por cronistas e escritores flamengos ou como tais reputados (Elias Herckman, Roulou Baro, Piso e Marcgrav, Barleus, etc.)*[17] *e* o mesmo destino até então improfícuo das *notas que,* ***a propósito dos Tremembés, escreveram o Pe. Ivo d'Evreux*** *e numerosos outros itinerantes que, de passagem, cruzaram a costa leste-oeste.*[18]

A realização de pesquisas arqueológicas em Jericoacoara, trará muitas contribuições ao estudo destes grupos indígenas *habitadores de práias e estuários cobertos de mangues dos rios do Nordeste do Brasil*[19] que, segundo apontamentos de Yves d'Évreux, eram exímios pescadores que iam algumas vezes à caça e que não faziam hortas; moravam sob choupanas e comumente dormiam nas areias, ao ar livre. De forma semelhante, a paisagem enquanto resultado material da ação humana é de grande importância para que possamos pensar um *continuum* espaço-temporal *pejado de materialidades que foram implantadas pelos nossos antecessores.*[20]

O capuchinho francês Claude d'Abbeville, à caminho do Maranhão no ano de 1612, por sua vez, estacionara naquele lugar durante doze ou treze dias. De seu sucinto relato, aparentemente, pouco se pode inferir acerca da presença indígena em Jericoacoara. Claude d' Abbeville ressalta, contudo, a prodigalidade dos recursos naturais daquele lugar *muito bonito, e maravilhosamente agradável, abundante de bons frutos e de caça* [24]:

> O mar que cerca estas costas, bem como os lagos da terra firme, são abundantes de peixes de várias espécies, diferentes das nossas e dignas de serem vistas. Aí, demoramo-nos doze a treze dias, esperando mares grandes para irmos ao Maranhão. Durante a nossa demora ocupavam-se os companheiros em pescar e caçar.[21]

---

[17] STUDART FILHO, 1962, p.15 [Ênfases no original].

[18] STUDART FILHO, 1962, p. 15 [Ênfase nossa].

[19] POMPEU SOBRINHO, 1951, p. 258.

[20] JORGE, 2000, p.130.

[21] ABBEVILLE, 2002, p. 74.

As narrativas sobre a "Jornada do Maranhão" trazem informações gerais sobre as condições desta jornada realizada no ano de 1614, bem como sobre as *Tartarugas*.[22] Diogo de Campos Moreno refere-se aos *tapuias (...) daquelas comarcas, que em número de até trezentos vieram uma madrugada a dar na cerca, donde os portugueses se defenderam honradamente, tratando-os de sorte que os fizeram afastar, e depois os obrigaram a ser amigos*.[23] Deste período datam também algumas informações oriundas da comunicação burocrática colonial. Sabe-se que Jerônimo de Albuquerque *chegou ao Ceará o ano de 613, donde levou consigo ao capitão Martim Soares, que com facilidade se lhe ofereceu para reconhecer tudo o que faltava da costa até o Maranhão.*[24] Após a partida de Soares Moreno rumo ao Maranhão, Jerônimo de Albuquerque seguiu para reconhecer o *Camuri, que era um rio naquelas partes, de muito nome e muito próximo à grande serra de Buapava e dos Teremembés, com os quais era muito necessário assentar pazes.*[25]

Vale ressaltar que, apesar das evidências da presença tapuia em Jericoacoara, na maioria das vezes este último lugar tem as suas condições de *boa bahia para surgir* enfatizadas e, na mesma medida, a presença Tremembé em suas praias encoberta. Enquanto Camocim é considerado o *Camocim dos índios*, Jericoacoara é tida como a inabitada localidade que só recebia viajantes de passagem. Em alguns relatos do século XVII é possível perceber certa confusão, ou contigüidade, entre os territórios contínuos de Jericoacoara[26] e Camocim. Évreux (2002 [1615/1864]), por exemplo, em seus relatos sobre a área onde habitavam os Tremembé, fala em *Tartarugas* e utiliza *"na serra de Camuci"* como termo que explica o primeiro, sugerindo que *Tartarugas* e *"serra de Camuci"* tratar-se-iam de territórios equivalentes ou, pelo menos, com consideráveis trechos de intersecção. Por razões semelhantes a esta é comum que a área de domínio Tremembé, no século XVII, seja delimitada entre Camocim e Parnaíba, ficando de fora o *Buraco das Tartarugas*. Um mapa portu-

[22] Ibidem, p. 74.

[23] Segundo PAULINO NOGUEIRA (apud Oliveira, 1995), "Jericoacoara" é corruptela de "Jurará-coára" que, por sua vez, significa "Buraco das Tartarugas". É comum, todavia, encontrarmos nos escritos do século XVII os termos Gicuaquara, Gericoaquera, Jeriguaguara, Juriquagua, Jurará-coára, Jaracoara, Ajeruguaguará, Jeruguaguará, Peruquaquará, Tartarugas, Buraco das Tartarugas e até mesmo Hug Puc, entre tantos outros, para designar o mesmo local.

[24] [MORENO], 2001[1614], p. 35.

[25] Ibidem, p. 33.

[26] Ibidem, p. 33.

guês[27] de 1629 que representava a *Província dos Taramembez de Guerra*, no entanto, traz a representação de uma aldeia de índios que, de acordo com a orientação do mapa, está nas proximidades da enseada de Jericoacoara.

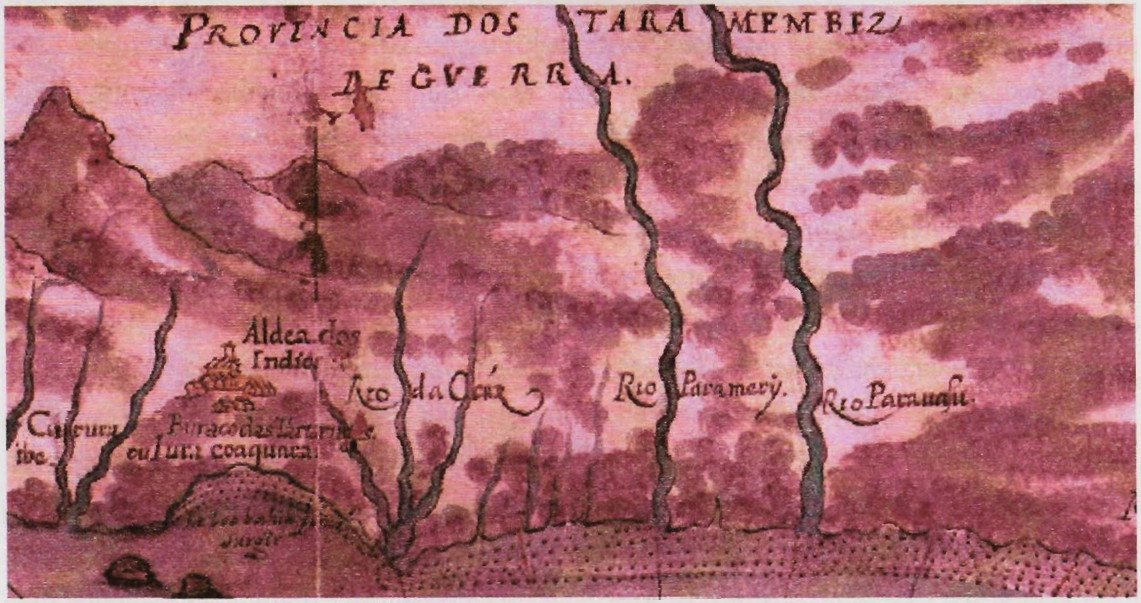


Figura 4- Mapa representativo da *Província dos Taramembez de Guerra* (ALBERNAZ, 1629).

Embora as crônicas referentes às diversas idas de franceses e portugueses ao Maranhão ao tempo da França Equinocial possam, à revelia de sua falta de pretensões etnográficas, ser inquiridas acerca da presença indígena em Jericoacoara, é nas fontes exteriores, neste caso as européias, supondo os povos indígenas como parceiros que podem ser vislumbradas muitas informações de valor à "história dos povos sem história".[28] A exemplo desta relação, o Diário de Matias Beck revela tentativas de contato entre prospectores holandeses em busca de minas de prata e os ***tapuyas*** *chamados* ***Tremenbees*** *que habitam no caminho do* ***Camaragibe*** [29] intermediadas por principais de aldeias tupi potiguar, em 1643. No mesmo ano, uma correspondência de João Vasco a El-Rei, que revela a existência do principal ***Orobu Acanga***, em ***Gicuaquara***, propunha que fossem galardoados os princi-

---

[27] Apesar da indefinição de fronteiras neste período, a Jericoacoara por nós referida está relacionada a marcos facilmente localizáveis entre outros pontos da costa já conhecidos à época. A própria enseada de Jericoacoara, por sua proeminência, serve-nos como referencial.

[28] ALBERNAZ, 1629 (apud BORGES, 2006).

[29] MONIOT, 1995, passim.

pais de aldeias que destruíram um forte holandês e mandaram, aos portugueses, o aviso de que estavam prontos a recebê-los.[30] Mais uma vez a suposição de parceria com povos indígenas, agora por portugueses, traz informações não costumeiramente mencionadas em outras situações.

Vale ressaltar o *duplo viés na percepção de alteridade*[31] dos Tremembé garantido pela intermediação do olhar tupi que exercia classificações e incorporações sobre "os outros".[32] As narrativas cronísticas de portugueses, franceses e holandeses raramente prescindiam desta intermediação e, deste modo, consideravam apenas uma das faces da mútua interação entre povos Tupi e Tapuia que se avizinhavam naquelas paragens.

O reconhecimento da renovação do arquivo do historiador demonstrou que não é possível *dividir a história em pré-história e história, baseando-se na inexistência de documentos escritos na pré*.[33] Da mesma forma, não é impossível conceber uma história para os povos "sem escrita" da chamada "proto-história" cearense, que costumava ser caracterizada pela exclusiva existência de fontes exteriores, européias. Quando possível, o cotejo de fontes arqueológicas e históricas, para além da complementaridade, propicia a análise de contradições (Funari, 2005) e da dinâmica das relações entre saberes letrados e não-letrados (Ferreira Neto, 1997) subjacentes nestas fontes distintas.

6. Considerações Finais

Os dados obtidos a partir dos sítios identificados na praia de Jericoacoara, costa noroeste do Ceará, unidos a pesquisas que vêm sendo realizadas desde a década de 1990, ratificam a ocupação prolongada deste ecossistema litorâneo em épocas pré-históricas, proto-históricas e históricas.

Embora em diversos trechos da costa sejam identificadas ocupações de períodos e grupos diversos, formando um mosaico de interpretação, podemos afirmar que os dados obtidos até o momento em Jericoacoara apontam para uma ocupação exclusiva de um grupo, dada

[30] BECK, 1903[1649], p. 363.[Ênfases nossas]

[31] AHC, Apensos, Pará, 1643 (apud LEITE, 1943, p. 15).

[32] MEDEIROS, 2002, p. 208.

[33] Sobre a etno-história enquanto estudo dos grupos étnicos e de suas interações mútuas, vide Ferreira Neto (1997). REIS, 2000, p. 24.

à recorrência de um conjunto artefatual também único. Este conjunto, com vestígios análogos aos identificados no litoral potiguar, foi atribuído neste Estado a grupos expulsos com a chegada da onda migratória tupi, conforme referido ao longo deste trabalho.

Ainda que em algumas áreas do litoral cearense esse aspecto venha a ser também constatado, trabalhamos com a hipótese de que certos grupos anteriores aos grupos Tupi não foram suplantados pelas migrações destes ou pela colonização portuguesa e continuaram pelos séculos seguintes senhoreando determinados trechos da costa cearense.

Pelo menos até a conclusão deste trabalho, na praia de Jericoacoara não foram evidenciados vestígios que possam ser filiados à tradição Tupiguarani e uma suposta presença destes grupos podem representar passagens fugazes em áreas de domínio tapuia conforme tem sido identificado na literatura histórica referente a épocas coloniais.

As fontes cartográficas e as abundantes fontes escritas da primeira metade do século XVII revelaram a presença de acampamentos Tremembé na praia de Jericoacoara, povos que na atualidade habitam a praia de Almofala, no município de Itarema. Estudos mais aprofundados poderão confirmar definitivamente a associação dos sítios descobertos às informações do século XVII.

No que diz respeito à dinâmica ambiental, se os sítios descobertos na atualidade corroboram com as informações históricas, as condições evidenciadas na atualidade são análogas às condições dominantes à época das ocupações registradas no século XVII. Se as datações dos sítios arqueológicos confirmarem que as ocupações em Jericoacoara se enquadram numa escala de tempo com grandes recuos em relação ao século XVII, teremos que pensar em condições ambientais diferenciadas das atuais.

No tocante à produção do conhecimento, o presente estudo preenche uma lacuna na história do Ceará e, ao mesmo tempo, instiga novos estudos sobre a temática indígena e paleoindígena tão ausente nos trabalhos produzidos pelos historiadores locais. Os dados sobre a ocupação deste ecossistema costeiro alargam o tempo histórico para épocas anteriores à escrita.

Verônica Viana, Karlla Soares, Luci Danielli Souza
Universidade Estadual do Ceará (UECE)

Referência Bibliográficas

ABBEVILLE, Cláudio d'. História da missão dos padres capuchinhos - na Ilha do Maranhão e suas circunvizinhanças. São Paulo: Siciliano, 2002.

ABREU, Capistrano de. Caminhos Antigos e Povoamento do Brasil. Fortaleza: Casa de José de Alencar Programa Editorial, 1960.

BORGES, Jóina Freitas. Sob os Areais: Arqueologia, História e Memória. Teresina: Dissertação de Mestrado- UFPI, 2006.

BROWN, Anthony. Fieldwork for archaeologists an local historians. Londres: Batsford, 1987.

CLAUDINO-SALES, Vanda Carneiro. Os litorais cearenses. In: José Borzacchiello da SILVA; Tércia Correia CAVALCANTE; Eustógio DANTAS (orgs). *Ceará: um novo olhar geográfico*. Fortaleza: Ed. Demócrito Rocha, 2005, p.231-260.

FERREIRA NETO, Edgar. "História e Etnia". In: Ciro F. CARDOSO; Ronaldo VAINFAS (orgs.). *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Elsevier, 1997. p. 313-328.

GASPAR, Maria Dulce. Os ocupantes pré-históricos do litoral brasileiro. In: Maria Cristina TENÓRIO (org). *Pré-história da Terra Brasilis*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2000, p. 159-170.

GUERRA, Antônio T; GUERRA, Antônio José T. Novo dicionário geológico-geomorfológico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

JORGE, Vítor Oliveira. Arqueologia, Património e Cultura (Colecção: O Homem e a Cidade). Lisboa: Instituto Piaget, 2000.

LEITE, Serafim. História da Companhia de Jesus no Brasil. Rio de Janeiro: Imprensa Universitária,1943, t. III.

LAROCHE, Armand François G; SILVA, Adjelma Soares. O sítio arqueológico de Mangueiros. Recife: Edições Massangana, 1982.

LUNA, Suely, NASCIMENTO, Ana. A cerâmica arqueológica dos sítios dunares do Rio Grande do Norte – Brasil. *Clio Arqueológica*. v.1, n.12, Recife, UFPE, p. 17-25, 1997.

MAIA, Luis Parente. Mapeamento das unidades geoambientais da zona costeira do Estado do Ceará. Fortaleza: Governo do Estado do Ceará/SEMACE/LABOMAR/UFC, 2005.

MARTIN, Gabriela *et al*.. Arqueologia de salvamento na praia de Sabiaguaba, Fortaleza, Ceará. *Clio Arqueológica*. v.1, n. 16, Recife, UFPE, p. 149-165, 2003.

MATIAS; Lígia Queiroz; NUNES, Edson Paulo. Levantamento florístico da Área de Proteção Ambiental de Jericoacoara, Ceará. *Acta Botânica Brasileira*, vol.15, n.1, São Paulo, 2001.

MEDEIROS, Ricardo Pinto de. História dos povos indígenas no sertão nordestino. *Clio Arqueológica.* v. 1, n. 15 , Recife, UFPE, p. 205-233, 2002.

MEIRELES, Antônio Jeovah de Andrade; RAVENTOS, Jordi Serra i. Um modelo geomorfológico integrado para a Planície Costeira de Jericoacoara-Ceará. *Mercator – Revista de Geografia da UFC,* ano 1, número 1, p. 79-84, 2002.

MORENO, Diogo de Campos. Jornada do Maranhão: por ordem de S. Majestade feita o ano de 1614. São Paulo: Siciliano, 2001.

MUEHE, Dieter. O litoral brasileiro e sua compartimentação. In: Sandra Baptista da CUNHA; Antônio J.Teixeira GUERRA (orgs.). *Geomorfologia do Brasil.* 2003, 273-349.

OLIVEIRA, André Frota de. A Fortificação Holandesa do Camocim. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 1995.

POMPEU SOBRINHO, Thomaz. Povoamento do Nordeste Brasileiro. *Revista do Instituto do Ceará.* Fortaleza, Instituto do Ceará & Imprensa Universitária, p. 107-162, 1937.

POMPEU SOBRINHO, Thomaz. Índios Tremembés. *Revista do Instituto do Ceará.* Fortaleza, Instituto do Ceará & Imprensa Universitária, p. 257-267, 1951.

REIS, José Carlos. A Escola dos Annales: a inovação em História. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

STUDART FILHO, Carlos. Os Aborígines do Ceará. *Revista do Instituto do Ceará.* Fortaleza: Instituto do Ceará & Imprensa Universitária, p.5-75, 1962.

_____. Os Aborígines do Ceará. *Revista do Instituto do Ceará.* Fortaleza: Instituto do Ceará & Imprensa Universitária, p. 153-217, 1963.

SUGUIO, Kenitiro. Geologia do Quaternário e mudanças ambientais: (passado+presente= futuro?). São Paulo: Paulo's Comunicação e Artes Gráficas, 1999.

TRIGGER, Bruce G. História do Pensamento Arqueológico. São Paulo: Odysseus Editora, 2004.

VALLE, Almudema Orejas Saco del. Del "marco geográfico" a la arqueología del paisaje. Madrid: CSIC (Consejo Superior de Investigaciones Científicas), 1995.

VALLE, Carlos Guilherme. Torém/Toré: tradições e invenção no quadro de multiplicidade étnica do Ceará contemporâneo. In: Rodrigo Azeredo GRÜNEWALD (org.). *Toré: regime encantado do índio do Nordeste.* Recife: Fundaj, Editora Massangana, 2005, p. 221-256.

VIANA, Verônica; LUNA, Daniel. Arqueologia cearense: histórico e perspectivas. *Clio Arqueológica,* n. 15, vol. 1, Recife, UFPE. p. 235-241, 2002.

VIANA, Verônica. Estudos integrados do Patrimônio Cultural na área de intervenção do sistema de esgotamento sanitário da praia de Jericoacoara, Município de Jijoca-CE - Programa de resgate do Patrimônio Arqueológico, Levantamento do Patrimônio Cultural Imaterial e Programa de Educação Patrimonial. Relatório. Fortaleza, 2007.